

EDITORIAL

Virada Educacional e seus desdobramentos no campo da arte: críticas, revisões e propostas

A Revista Apotheke, periódico on-line de acesso livre e universal, recebeu artigos científicos inéditos sobre a temática “Virada Educacional e seus desdobramentos no campo da arte: críticas, revisões e propostas”. Este número foi dedicado a estudos e reflexões sobre a educação estética, seus métodos, metodologias e abordagens que circulam no espaço de criação entre arte e vida, no que confere a produção em artes visuais. Refletir “Education Turn” é trazer a Educação como tema e práxis educativa ampliada. A Educação como contexto amplo de discussão e abordagem para a vida, reflete por meio da arte, questões discursivas, políticas e intensifica objetos institucionais, não como adornos, mas como problemática e modos de percepções desviantes às tendências de ensino neoliberais onde predomina-se padrões e resultados, ou números em curto prazo de tempo. Desta forma criam-se abordagens como estratégias onde se modifica o papel da criatividade em consonância com a ruptura de seu tempo e espaço.

Neste sentido, a tendência acadêmica denominada Viragem Educacional refere-se à mudança, nas últimas décadas, nas práticas de educação artística e na curadoria. Caracteriza-se pela centralidade dos processos pedagógicos e nas metodologias educativas como parte integrante da produção artística e curatorial (Loponte, 2025). Enfatizam-se agora os processos colaborativos, discursivos e experimentais, e já não o centramento modernista no objeto artístico acabado. Os programas e as situações educativas tornam-se os próprios objetos, visando uma partilha de produção e conhecimento entre artistas, curadores e público (O’Neill & Wilson, 2010).

Na educação artística, esta tendência fomenta interações entre arte, artistas, instituições e público, gerando também novas plataformas de investigação e de crítica. O mediador deixa de ser um mero transmissor e passa a atuar como facilitador de processos interpretativos e críticos. As práticas abandonam a transmissão de verdades, e abrem espaço a novas construções de sentido que fomentam a autonomia (Queiroz, 2015; 2016; 2017a; 2017b).

Desta forma, o curador assume agora o papel de mediador cultural, organizando situações que promovam a participação ativa e crítica (Helguera & Gonçalves, 2011). Ocorre, e está em curso uma reestruturação dos museus e de outras instituições, transformando-os em plataformas para a educação e para a produção de conhecimento (Mörsch, 2011; Gonçalves, 2014).

A Viragem Educativa está relacionada com as propostas críticas da educação, como as de John Dewey e de Dennis Atkinson, valorizando a arte como investigação e como um agente de transformação social (Lampert & Wosniak, 2016; Lampert, 2018). Incorpora uma perspectiva interdisciplinar e anti-hegemônica, que apresenta alternativas inclusivas ao sistema tradicional de ensino (Queiroz & Oliveira, 2015).

Neste contexto, as ideias de Paulo Freire também assumem papel importante em outros modos de conceber e praticar educação e mediação. Reflexões advindas de suas experiências com alfabetização de adultos ainda na década de 1960 foram reunidas na *Pedagogia do Oprimido*, escrita no exílio entre 1968 e 1969, em que o diálogo como processo crítico de formação torna-se central. Para Paulo Freire:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo. O mundo pronunciado, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos pronunciantes, a exigir deles novo pronunciar (Freire, 1987, p. 44)

Suas ideias estão presentes em proposições pedagógicas nas últimas décadas, utilizadas como base teórica para muitas propostas de mediação ou mesmo programas, que estão diretamente alinhadas com a viragem educacional.

No campo das proposições artísticas, já no início dos anos 1960, Lygia Clark criou uma série de obras em metal articuladas por dobradiças, denominada “Bichos”. Nessa série, Lygia reivindica a participação e a presença do espectador, alterando completamente a ideia de obra a ser contemplada: agora a obra deve ser tocada, mexida, transformada, dando àquele que vê a possibilidade de ativar o objeto por meio do corpo, do gesto e da ação no mundo. Lygia Clark, com seus objetos relacionais, reposicionou o espectador como coautor, transformando a experiência estética em ação compartilhada.

Em 1965, Hélio Oiticica, com seus Parangolés, assim como Lygia, exigia o corpo do espectador: é ele que dá vida, que coloca as cores no espaço por meio de gestos e movimentos. Hélio Oiticica, com os Parangolés, ampliou o entendimento da arte como experiência cotidiana, indissociável da vida. Estes processos interativos de criação, tanto de Clark quanto de Oiticica, assim quanto estes pensadores da educação, de certa maneira irão reverberar nos modos de pensar e praticar educação e arte, modos esses que importam a viragem educacional.

A Viragem Educacional é assim uma reorientação de fundo que promove práticas críticas, colaborativas e participativas, colocando em cena a ideia de autoria compartilhada e o cruzamento entre arte, mediação e comunidade, dissolvendo os limites entre a produção artística, a curadoria, o ensino e a vida. A Viragem Educacional representa um marco no campo da arte e da educação contemporânea, tanto em nível internacional quanto no contexto brasileiro, ao colocar a educação no centro das práticas artísticas e curatoriais, reposicionando a arte como campo relacional, colaborativo e transformador.

Neste sentido, o presente volume está composto pelos seguintes artigos:

Para iniciar a seção temática, apresentamos o artigo intitulado **“Coreografias têxteis: corpo, memória e saberes educacionais”**, em que as autoras Ana Júlia Ribeiro de Macedo e Luciana Borre apresentam um recorte da pesquisa *“Coreografias têxteis: corpo, memória e saberes na trama viva da Docência Artista”*, em que é explorado a interconexão entre corpo, prática têxtil e ensino das artes visuais. A ênfase está nos gestos inerentes às práticas têxteis concebidos como performances corporais que transcendem da execução técnica por si só para uma imprescindibilidade relacional e integrativa do ser humano. Somado a isto as autoras analisam tais gestos em si mesmos e em seus processos de criação, investigando suas implicações educacionais, por meio da repetição, desfazimento, remendo e junção de fios, linhas, agulhas e tecidos na obra têxtil *“NÓS, DE MUITAS”* que consiste na costura coletiva de uma colcha e que revela nuances específicas sobre os saberes educacionais para a contemporaneidade.

O segundo artigo desta seção é intitulado **“A estética como dimensão formativa: uma análise das publicações sobre a formação de professores de artes visuais no sul do Brasil (2014–2024)”** com autoria de Alisson Douglas da Silva e Jaison Hinkel. Este artigo apresenta os resultados de uma análise de teses, dissertações e artigos que abordam a educação estética na formação de professores de Artes Visuais na região Sul do Brasil, entre 2014 e 2024. O estudo demonstra que a estética, quando entendida como prática sensível e criadora, constitui-se como dimensão formativa, ultrapassando uma abordagem técnica ou disciplinar e revela convergências e divergências nos caminhos investigativos das pesquisas analisadas, bem como articulações possíveis entre subjetividade, políticas educacionais e práticas artísticas na docência em Artes Visuais.

Na sequência temos **“Cinema e Educação Especial: Debates em gênero e inclusão através da série Percy Jackson”**, com autoria de Lucas de Bárbara Wendt, Adineia Araujo da Silva e Valeska Fortes de Oliveira. Neste trabalho, são destacadas as experiências do autor e das autoras realizadas com acadêmicas do Curso de Educação Especial, por meio de uma disciplina em Artes Visuais, na qual foram promovidos diálogos acerca de questões de gênero e inclusão com as docentes em formação. Os resultados sinalizam a importância de levar obras como Percy Jackson para a sala de aula, especialmente no contexto da educação inclusiva, pois assim, o/a educador/a pode estimular discussões sobre diversidade, mostrando que suas diferenças podem ser, na verdade, suas maiores forças.

Em continuidade, é apresentado o trabalho desenvolvido por Fabiana Lopes de Souza em **“Imagem, gênero e sexualidade no currículo de Artes Visuais: receios, excessos e olhares conformados”**. Este artigo apresenta reflexões sobre as concepções de professoras de Artes Visuais, atuantes em escolas públicas do município de Pelotas/RS, em relação às práticas curriculares com a utilização de imagens e as ligações estabelecidas com as temáticas de gênero e sexualidade. A partir de um recorte, apresentam-se dados obtidos de revisões bibliográficas, do envio de imagens e de entrevistas semiestruturadas. Percebeu-se que o entendimento das

professoras de Artes Visuais sobre as práticas com imagens pode reforçar e manter preconceitos e estereótipos no currículo escolar, mas pode também contribuir no processo de desconstrução dos pensamentos que normatizam condutas e procuram fixar identidades.

Em prosseguimento, na seção nota de experiência, apresentamos o texto **“A poesia no fazer à mão com elementos da natureza na formação de professores para a Educação Infantil”**, com autoria de Ana Grazyele da Silva Araujo e Cristiana Callai. Este relato de experiência faz parte de uma proposta pedagógica da disciplina “Atividades Culturais III - Criança e natureza: Experimentações Pedagógicas”, oferecida no curso de Pedagogia da Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Assim, as autoras buscam refletir sobre os elementos da natureza que fazem parte do mundo imediato e suas potencialidades pedagógicas em substituição aos materiais utilizados na Educação Infantil, como o Etileno-Vinil-Acetato (E.V.A), glitter, plásticos, folhas em tamanho A4, e os impactos ambientais no descarte. As ações tiveram como objetivo questionar como temos vivenciado a natureza no cotidiano da Educação Infantil e a prevalência de atividades voltadas às datas comemorativas.

Na sequência temos a seção de Ensaio Visual, que conta com o trabalho de Vanessa Seves Deister de Sousa e Camila Lacerda Lopes, intitulado **“O beco como atelier: via de mão única”**. Este ensaio visual apresenta, de forma poética, uma série de pinturas e registros processuais produzidos pela artista mineira Camila Lacerda que possui o beco enquanto temática principal. Nestas produções o beco é analisado sob diferentes perspectivas: como espaço transitório, como lugar habitável e como atelier expandido.

Por fim, na seção de demanda contínua destacamos três trabalhos, sendo o primeiro intitulado **“O conceito de experiência na filosofia de John Dewey: Implicações estéticas, éticas, lógicas e pedagógicas”** de Marlon Dantas Trevisan, Marcos Henrique de Paula Dias da Silva e Simone de Cássia Soares da Silva. Este trabalho analisa de que maneira o conceito de experiência perpassa a filosofia de John Dewey, influenciando estudos sobre estética, ética, lógica, política e educação, dentre outras ciências humanas. Além deste intento geral, os objetivos específicos se apresentam, como descrever a função e relevância dos símbolos para a filosofia pragmática e o contexto educativo; refletir sobre a natureza estética da experiência e do pensamento arrazoado, frente aos problemas da existência; analisar a anulação do desejo discente pela aprendizagem, por conta dos saberes pedagógicos tradicionais que perpetuam a cisão entre teoria e prática, dentre outros procedimentos que não consideram a experiência; refletir sobre a avaliação, à luz de pressupostos pedagógicos deweyanos.

Na sequência Flavio Honório da Silva e Leoni Maria Padilha Henning no trabalho intitulado **“A experiência estética com o uso didático do cinema nas aulas de Filosofia: uma perspectiva a partir de John Dewey”**, exploram a experiência estética fornecida pelo uso do cinema como recurso didático nas aulas de Filosofia, a partir das ideias de John Dewey sobre arte e educação. Com base nas suas principais obras, como *Arte como Experiência* e *Democracia e Educação*, observamos que Dewey nos chama a atenção em perceber que o real sentido a que uma atitude estética pode proporcionar

uma abertura, uma disponibilidade não tanto para a coisa ou o acontecimento “em si”, naquilo que ele tem de consistência, mas para os efeitos que ele pode produzir, de tal modo que a ideia de arte tenha se ampliado e ultrapassado os limites da inteligibilidade. Desta forma, a contribuição do pensamento deweyano se dirige na perspectiva de um enriquecimento de tais experiências sob um prisma formativo.

Para fechar o volume apresentamos o trabalho “**O enigma de Palm Pavilion se projeta sobre Inhotim**” de Rafael Goffinet de Almeida, em que analisa Palm Pavilion (2006-2008), um dos principais trabalhos de Rirkrit Tiravanija, sediado em Inhotim/Brumadinho-MG, nos permite indagar o papel crítico e contestador desempenhado pela arte contemporânea frente às atuais formas de produção espacial. Conceitos como “protocolo de exibição”, “confinamento cultural” e “marco arquitetônico” serão recuperados para desafiar as relações existentes entre projeto, paisagem tropical e representação cultural em um dos espaços paradigmáticos de arte e cultura na contemporaneidade.

Organizadoras/es:

João Paulo Queiroz (Universidade de Lisboa, Faculdade de Belas Artes, Centro de Investigação e Estudos em Belas Artes - Portugal)

Ronaldo Oliveira (Universidade Estadual de Londrina, UEL - Brasil)

Fábio Wosniak (Universidade Federal do Amapá, UNIFAP - Brasil)

Jociele Lampert (Universidade do Estado de Santa Catarina, UDESC - Brasil)

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 23. reimpr. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GONÇALVES, Mónica Hoff. **A virada educacional nas práticas artísticas e curatoriais contemporâneas e o contexto de arte brasileiro** [dissertação de mestrado]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/115180>. Acesso em: 22 set. 2025.

HELGUERA, Pablo; GONÇALVES, Mónica Hoff (orgs.). **Pedagogia no campo expandido**. Porto Alegre: Fundação Bienal do Mercosul, 2011.

LAMPERT, Jociele; WOSNIAK, Fábio. Arte como experiência: ensino/aprendizagem em artes visuais. **Revista GEARTE**, Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 208-222, 2016. DOI: <https://doi.org/10.22456/2357-9854.62933>. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/gearte/article/view/62933>. Acesso em: 22 set. 2025.

LAMPERT, Jociele. Sobre ser artista professor. In: MARTINS, Mirian Celeste; MOMOLI, Daniel; BONCI, Estela (orgs.). **Formação de educadores: modos de pensar e provocar encontros**

com a arte e mediação cultural. São Paulo: Terracota, 2018. p. 76-87. ISBN 978-85-8380-069-9.

LOPONTE, Luciana G. Por uma virada artístico-estética dos processos formativos para a docência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 55, e11345, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980531411345>

.MÖRSCH, Carmen. **Educación crítica en museos y exposiciones en el contexto del "giro educativo" en el discurso comisarial: ambigüedades, contradicciones y alianzas**. Proyecto giro educativo, 2011. Disponível em: <https://proyectosgiroeducativo.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/11/educacic3b3n-crc3adtica-en-museos-y-exposiciones-carmen-morsch.pdf>. Acesso em: 22 set. 2025.

O'NEILL, Paul; WILSON, Mick (eds.). **Curating the educational turn**. London: Open Editions, 2010. ISBN 978-0-949004-16-1.

QUEIROZ, João Paulo. Arte e viragem educativa: alternativas. **Estúdio: artistas sobre outras obras**, Lisboa, v. 8, n. 17, p. 12-16, 2017a. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/est/v8n17/v8n17a01.pdf>. Acesso em: 22 set. 2025.

QUEIROZ, João Paulo. Entendimento, plasticidade e a viragem educativa. **Croma**, Lisboa, v. 5, n. 9, p. 12-17, 2017b. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/168_In_KG1y45Kv2L8TX_8gKtcSAvQdlt/view. Acesso em: 22 set. 2025.

QUEIROZ, João Paulo. Educação artística versus competitividade: modelos de desenvolvimento. In: VEIGA, Feliciano H. (org.); PEREIRA, A.; CARVALHO, C.; GOULÃO, F.; MARINHA, F.; OLIVEIRA, I.; FARIA, L.; TAVEIRA, C.; BAHIA, S.; RAPOSO, S.; CALDEIRA, S. (orgs.). **Atas do II Congresso Internacional Envolvimento dos Alunos na Escola: Perspetivas da Psicologia e Educação, Motivação para o Desempenho Académico**. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2016.

QUEIROZ, João Paulo; OLIVEIRA, Ronaldo. O ensino artístico no horizonte: 2020. In: QUEIROZ, João Paulo (org.). **Artes Visuais, Novas Matérias: IV Congresso Matéria-Prima**. Lisboa: Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa; Centro de Investigação e Estudos em Belas-Artes, 2015. p. 250-257. ISBN 978-989-8771-26-1.

QUEIROZ, João Paulo. Os novos discursos sobre arte. **Revista Visuais**, Campinas, v. 1, n. 1, p. 1-12, 2015. Disponível em: <http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/visuais>. Acesso em: 22 set. 2025.